
TRAÇOS DE RESISTÊNCIA NA OBRA DE AUGUSTO ROA BASTOS

Carlos Henrique Lopes Almeida¹

Resumo: Este estudo tem como proposta a análise de alguns traços de resistência presentes em algumas das produções literárias do autor paraguaio, Augusto Roa Bastos. As obras escolhidas são *igilia del Almirante* (2008) e a trilogia *Yo, el supremo* (2003), *El fiscal* (2008) e *El hijo del hombre* (2003). O primeiro romance trata da volta ao período do descobrimento e desenvolve uma confrontação entre Colombo, os cronistas e o narrador. A trilogia se ocupa do cenários belicosos da história paraguaia e de alguns ditadores e suas relações com o poder. O tratamento dado a essa matéria histórica nas narrativas supracitadas pode ser entendida como traços de resistência, bem como alguns artifícios narrativos aplicados pelo autor. A análise será realizada a partir das discussões sobre Resistência e descobrimento propostos por Galeano (1989), Bitterli (2012) e Grützmacher (2009).

Palavras-chave: Identidade. Resistência. Literatura. Alteridade.

Abstract: This study has as proposal the analyses of some traces of resistance present in some of the literary productions by the Paraguayan writer Augusto Roa Bastos. The chosen works are *Vigilia del Almirante* (2008) [*Vigil of the Admiral*] and the trilogy *Yo, el supremo* (1974)(2003), *El fiscal* (1993) e *El hijo del hombre* (2003) [*I, the Supreme; The Prosecutor and Son of Man*]. The first novel is about the discovery age and develops a confrontation between Colon, the chronicler and the narrator. The trilogy deals with the quarrelsome scenarios of the Paraguayan history and some dictators and their relations with the power itself. The treatment given to this historical matter can be understood as resistance traces as well as some narrative artifices applied by the author. The analyses shall be done from the discussions about Resistance, discovery proposed by Galeano (1989), Bitterli (2012) and Grützmacher (2009).

Keywords: Identity; Resistance; Literature; Alterity.

¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Pará (UFPA) na Graduação em Letras - Língua Espanhola e do Programa de Pós-Graduação em Letras. carloshla@ufpa.br

INTRODUÇÃO

*Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético.
O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito.
Resistir é opor a força própria à força alheia.*
(Bosi, p. 118, 2002)

A proposta deste trabalho visa destacar alguns traços de resistência presentes na narrativa do autor Augusto Roa Bastos. Segundo Bosi (2002) o sentido mais profundo da resistência esta ligado à oposição da vontade de um sujeito contra as forças externas. Nesse sentido, a realidade da America Latina constituiu um espaço repleto de batalhas e tesões, guerras, ditaduras e um processo de colonização ainda muito presente. Um ambiente extremamente favorável para a produção artística com um viés reflexivo e opositor, capaz de dialogar e contribuir efetivamente para uma discussão mais esclarecedora sobre as diferentes representações do continente americano, o mosaico cultural formado e a nossa identidade fracionada.

1. RESISTÊNCIAS NO DESCOBRIMENTO

A realidade do continente nomeado pelos navegadores como América, inevitavelmente, muito antes da chegada dos europeus já era palco de disputas entre os diferentes grupos étnicos pela administração das diversas cidades-estados. A maioria delas, administradas por grupos dominantes, empenhados na expansão dos seus impérios, na organização de suas cidades, no gerenciamento dos seus meios de sobrevivência e exploração. Esta organização social presente no continente americano era desconhecida pela *orbis terrarum*, contexto bem diferente da realidade europeia até o momento do descobrimento das terras do Novo Mundo no final do século XV.

Entre as civilizações presentes no universo novomundista, destacam-se alguns grupos pela sua dimensão e, ao mesmo tempo, pelo protagonismo atribuído pelos cronistas em seus relatos documentais cronísticos, entre as quais sobressaem as sociedades dos maias e os incas, ambas separadas geograficamente pela zona equinocial, mas aproximadas pelos avanços nas mais diversas áreas do conhecimento e pelo continente habitado.

O segundo grupo, os habitantes do Velho Mundo, recém-saído de um conflito de aproximadamente oito séculos, contra os árabes, invasores/conquistadores, que ressignificaram o universo cultural, político e econômico dos países da península Ibérica. Esses estímulos seriam suficientemente fortes para alimentar a necessidade dos europeus de reencontrar o seu lugar de destaque no cenário mundial, assim como reafirmar a sua identidade diante de um contexto pós-reconquista, a partir do qual surgiram novas demandas em todas as esferas. Daí, a grande motivação que vai ao encontro da tese apresentada por Greenblatt (1996) sobre as possessões maravilhosas no Novo Mundo, um espaço no qual a cultura europeia ressignificou a identidade americana, preparando a conquista simbólica e ao mesmo tempo uma fonte de riquezas a ser exploradas.

Diante desse cenário, as circunstâncias propiciaram o desenvolvimento de dois propósitos, o primeiro buscou o equilíbrio econômico como forma de superação do quadro pouco favorável vivido pelo países da península ibérica e o segundo visava reforçar a identidade desses países como resposta à resignificação cultural e identitária vivida outrora.

Entre as estratégias adotadas pelos europeus esteve a transliteralização de esquemas mentais e referenciais eurologocêntricos, aliados à retórica de valorização do Velho Mundo e (des)construção do espaço novomundista, assim, efetivara-se o expediente da descoberta, exploração e conquista das novas posses, conforme menciona Rojas Mix

El descubrimiento de América significó un enorme trasvasijamiento del imaginario europeo en las nuevas tierras descubiertas. Los mitos, las leyendas, el mundo teratológico, las quimeras, todo va a adquirir carta de ciudadanía en América, y todo va ser buscado allí con ahínco por los rastreadores de fortunas y los cazadores de sueños.

Essa reconfiguração da tessitura do Novo Mundo não foi encarada de forma pacífica e acomodada pelos seus habitantes, muito pelo contrário, motivou muitas batalhas e movimentos de resistência contra a imposição cultural de esquemas que foram plantados no cenário novomundista que por sua vez foram fundamentais, segundo O’Gorman (2006, p. 101) no processo de invenção do continente americano.

Dessa forma, o encontro promovido no interior da realidade do continente América reflete o confronto entre duas forças, por um lado a imposição da tradição herdada e trazida pelo Velho Mundo e, do outro, a preservação e resistência cultural dos habitantes do novo continente contra o modelo e a mentalidade autoritária eurologocêntricos. Essa arena de disputa de poder representa uma das várias chaves para entender os mecanismos criados pelos povos que habitavam as terras novomundista com o intuito de resistir, em outras palavras, a invenção da América promoveu a necessidade de resistência dos habitantes que aqui já estavam muito antes da chegada dos europeus, essa iniciativa assumiu diferentes formas e ações cujo efeito pode ser constatado na contemporaneidade.

O encontro entre as duas realidades, descrito até o momento neste trabalho, revela uma zona de tensão estabelecida a partir das duas forças e seus interesses, longe de ser resolvido, este conflito tem gerado inúmeros debates e teorias numa busca de explicar os reflexos e implicações na formação identitária dos sujeitos envolvidos.

Segundo Urs Bitterli, em sua obra *Los “salvajes” y los “civilizados”*(1982), podem ser definidas quatro formas de relação em função do processo de expansão e das estratégias de colonização:

como roce cultural define el sentido de los primeros viajes de descubrimiento em los que el contato fue limitado em espacio y tiempo; el contato cultural tras el establecimiento de relaciones duraderas com los indigenas em los territorios adjudicados a las metrópolis, sustentados em los vínculos comerciales y reforzados por la proliferación de misiones; choque cultural en el cual los europeus hacen uso de la superioridad técnico-militar para erradicar, relegar y sojugar a

los autóctonos, y por último y retomando a Herskovits, la aculturación y el entrecruzamiento cultural aparece...cuando se da entre dos o más culturas la necesidad forzosa de una colaboración salvaguardante de la existencia, así como la conciencia de una interdependencia mutamente comprometedora (p. 186, 1982)

Nesses termos, a aproximação entre essas culturas ganhou diferentes proporções conforme o vínculo ficava mais estreito, na mesma proporção, a resistência por parte dos habitantes do Novo Mundo teve sua intensificação, mais efetivamente, a partir do choque, pois a força de imposição do discurso e ação europeias, passa a desconsiderar as práticas locais e impõe agressivamente a cultura europeia. Em última instância, após a miscigenação cultural surge uma espécie de colaboração desencadeadora de uma interdependência cujo produto não eclipsa a força de resistência dos indígenas, mas sim gera uma reconfiguração.

Bitterli caracteriza a expansão colonizadora de duas formas, a primeira protagonizada pelos portugueses e espanhóis no século XV, com desenvolvimento pouco planejado e frágil organização, enquanto que a segunda, acrescida pela presença de outras nações, França, Holanda e Inglaterra no século XVIII apresentava uma organização e um planejamento mais evidente. Diante dessas mudanças, não seria um erro afirmar que a condição de resistência também sofreu alterações, pois houve alteração na forma de percepção europeia do cenário novomundista, desencadeando por sua vez novos artifícios de dominação. Esse novo comportamento impulsionou a realidade americana a dar uma resposta coerente e na mesma proporção.

Curiosamente os acontecimentos ocorridos durante o período do descobrimento e colonização não perderam seu efeito na atualidade, apesar do distanciamento cronológico, eles demonstram o seu vigor nas constantes revisitações feitas por diversos autores de todo o mundo, oferecendo matéria histórica para o desenvolvimento de algumas das muitas reflexões sobre a formação do contexto histórico, político e artístico americano (Grützmacher, p.10, 2009). Nesse sentido, a proposta do nosso trabalho visa refletir sobre alguns traços de resistência presentes na obra literária do autor paraguaio Augusto Roa Bastos, indo além da matéria histórica do período do descobrimento e da colonização, alcançando guerras com nações vizinhas, ditaduras, conflitos étnicos e linguísticos, temas presentes nas obras roabastianas.

Durante o período do descobrimento do Novo Mundo, as expedições priorizaram a exploração das costas e foram muito cautelosas ao avançar rumo ao interior do continente na zona mediterrânea, pois o desconhecimento e o imaginário desses exploradores ditaram um clima de cautela com vistas a evitar o enfrentamento com o desconhecido no espaço geográfico do interior do novo continente. Dessa forma, o Paraguai foi um dos países integrantes do cenário incógnito do descobrimento, uma vez que sua localização não era a mais favorável para a exploração dos conquistadores, haja vista estar longe da costa e rodeado por obstáculos territoriais que minoraram a busca pelos metais tão sonhados.

Esse cenário natural pouco funcional da região onde está localizado o Paraguai na atualidade provocou a demora da chegada da frente europeia, impedindo assim a realização de mudanças, não necessariamente positivas para seus habitantes. Basta observar a reconfiguração geográfica, política e econômica desencadeada em outras localidades por

onde os exploradores já haviam passado. Estas mudanças seriam fundamentais na consolidação de estruturas de domínio e ao mesmo a constatação de seus papéis como lideranças do Velho Mundo.

2. RESISTÊNCIAS EM BASTOS

O episódio do descobrimento não fugiu ao olhar do autor paraguaio, *mutatis mutandis*, foi reinterpretado e reescrito na obra *Vigilia del Almirante*(2008), o romance alia os relatos documentais com os acontecimentos ficcionais. A mescla das vozes que conduzem os discursos se intercalará

Tres son los narradores que nos cuentan la “Vigilia del Almirante”: el mismo Cristóbal Colón, en primera persona, narrando la peripecias del viaje, desde que le surgió el sueño de llegar a “Las Indias”, juntando datos y cartas de navegación: el narrador, Augusto Roa Bastos, que convoca a algunos testigos para historiar la historia no oficial del descubrimiento, “el mayor acontecimiento cosmográfico y cultural registrado en dos milenios de historia de la humanidad”; y los cronistas de Indias(2008, p. 15).

Conforme o fragmento se pode entender que nesse entrecruzamento, assentará a sintonia das três perspectivas e assim encontrará lugar nas fissuras e nos desencontros presentes no discurso histórico oficial, o espaço que atestará a entrada das alegorias e de estratégias narrativas com vistas à suavização das contradições. Nessa teia, o leitor passa a ter um papel fundamental na reescritura dos fatos a partir do seu olhar e da sua condição de leitor.

Dessa forma, pode-se identificar como um dos traços de resistência presente na obra roobastiana a fabricação de um relato que representa as condições de hierarquização e outremização discutidas por Gonçalves e Bonnici (2005, p.151), vinculado ao viés pos-colonialista. O contexto apresentado na obra literaria configura-se a partir do olhar do colonizado, nas interferências e reconduções feitas pelo narrador Augusto Roa Bastos enquanto trava seus diálogos com Colón e os Cronistas, assim apresenta uma imagem ressignificada sobre o papel e a condição do europeu no descobrimento do Novo Mundo, e ao mesmo sem negar a empresa colonizadora.

Roa Bastos, consciente do protagonismo do leitor, amalgama os acontecimentos numa estrutura de resistência que desencadeia por sua vez uma reflexão em torno do discurso hegemônico que coloca o descobrimento como sinônimo de prosperidade e civilidade para o Novo Mundo. Para isso, entre os artifícios utilizados na produção do seu romance, o autor paraguaio transliteraliza algumas características da figura quixotesca da obra cervantina que traduzem a tese da quixotização e desquixotização.

Segundo Quiroga (2008), o almirante é uma espécie de cavaleiro dos oceanos que também vive dois momentos, o primeiro associado às expectativas da chegada ao novo continente reforçando a euforia que permeia o olhar do navegante diante das inúmeras possibilidades. Logo após, a condição disfórica, em função da realidade, já explorada, não

render o suficiente para as demandas estabelecidas pelos seus delírios utópicos. Ao perceber a disparidade entre a idealização e o choque com a dura realidade, os momentos finais da vida do Almirante revelam o sofrimento vivido em função da desilusão ocasionada pelo seu fracasso na busca de seus ideais.

Deste modo, podemos entender que da mesma forma que o excesso de leituras conduziu don Quixote a loucura, o olhar de Colombo também foi comprometido com as fantasias e provocou uma distorção da realidade novomundista que passa a ser questionada por um dos narradores do romance.

3. GUERRAS E RESISTÊNCIA

Outro fator que devemos trazer à tona para ampliar a discussão e alcance dos propósitos deste escrito, e ao mesmo tempo melhor compreender as transformações vividas pela sociedade paraguaia, diz respeito às duas guerras, dado a esta matéria histórica se fazer presente na narrativa robastiana, materializada na trilogia de *Yo, el supremo* (1974), *El fiscal* (1993) e *El hijo del hombre* (1960), cujas datas refletem os anos de publicação original.

A trilogia revisita o período histórico das guerras, descrevendo a realidade do campo, tradições culturais, o folclore, a dinâmica e a relação entre as duas línguas mais faladas: o guaraní e o espanhol. A relação entre os romances alcance a ruptura das fronteiras cronológicas e os personagens que com aparições possibilitam o transito pelos três universos narrativos.

A revisitação desse episódio não acontece por acaso, mas sim como uma forma de resistência, já que o discurso histórico oficial sempre se encarregou de vociferar uma imagem que resguardasse a percepção e a voz de grupos dominantes, dessa forma os conflitos do contexto das guerras foram apresentados no discurso historiográfico como um instrumento de preservação e favorecimentos das políticas que assessoravam e garantiam a ação e a permanências da ditadura na nação paraguaia.

Esse processo acontecia a partir do silêncio e escamoteamento de movimentos e ações que se levantaram em algum momento contra o sistema despótico, pois ao tergiversar esses eventos garantiriam que a população não tivesse acesso a maiores detalhes, evitando insuflar o descontentamento e até mesmo a insurgência contra o governo, e ainda, a implantação de uma memória fabricada pelo opressor que segundo Galeano (1989, p. 439) seria incorporada ao imaginário do povo como legítima e coerente, brindando um espaço e tema para frágeis reflexões.

Optamos por destacar dois dos grandes conflitos bélicos que figuram na obra de Augusto Roa Bastos, o primeiro a Grande Guerra, vivida pelo Paraguai e encabeçada pelo general Francisco Solano López contra a força dos três países Brasil, Uruguai e Argentina. Segundo Michel (2008, p. 23), esse episódio resultou na morte de maior parte da população paraguaia, aliado a esse cenário sangrento, outras consequências devem ser destacadas como o desequilíbrio econômico e político que o país passou a enfrentar, já que até aquele acontecimento, o país protagonizava um contexto próspero e cheio de expectativas ancoradas na visão progressista impulsionada pela frente industrial que emergia no país.

A recorrência dessa temática bélica no universo narrativo das obras roabastianas, mesmo que de cunho ficcional, visa apresentar mais uma perspectiva do acontecido, em virtude das diferentes interpretações que recebeu e recebe até o memento, haja vista o envolvimento direto de países vizinhos, os quais apresentam as suas respectivas versões do acontecimento como forma de legitimar e justificar a sua intervenção armada.

Vale destacar que na primeira metade do século XIX o país protagonizava uma política dirigida por José Gaspar Rodríguez Francia, caracterizada pela busca da construção da nação Paraguaia, por meio de uma política que valorizou a auto-sustentação, o investimento na agricultura e em outros setores que possibilitasse o desenvolvimento do país. Segundo Bareiro Saguier (2010, 336-337), essa visão despertou na população um nacionalismo exacerbado, embora o país tenha proclamado a sua independência somente alguns anos após sua morte, isso foi suficiente para promover um olhar valorizador das coisas da terra, entre as quais deve ser mencionada a língua guaraní.

No século posterior aconteceria outro episódio bélico, a guerra *parguayo-boliviana*, a guerra contra a Bolívia pela região do Chaco – território localizado na parte norte do Paraguai – um dos conflitos armados mais importantes da América do Sul, sem dúvida, um momento no qual ocorreram inúmeras perdas, teve aproximadamente três anos de duração em um território hostil e pouco favorável para a permanência das tropas, muitos problemas com proventos, alimentação e água, já que a região é muito seca e árida. Soma-se a isso as limitações econômicas enfrentadas por ambas nações, agravadas ainda mais após o fim da guerra.

No entanto, o fim desse cenário sangrento foi um gatilho para o desenvolvimento de uma sensação de despertar para a realidade do país, dando margem para a discussão e reflexão de outras questões até então ignoradas. Entre as quais a própria literatura, já que até aquele momento nenhuma das obras literárias tinha olhado para os conflitos e as dificuldades enfrentadas pela população paraguaia, mas sim exaltavam os cenários naturais e ocupavam-se de questões que não pudessem gerar polêmicas ou contrariar os interesses dos grupos dominantes do sistema político, uma espécie de delírio paradisíaco literário.

A retomadas de temáticas ligadas às guerras reforça a ideia defendida por Lorenz (2012) ao utilizar cenários bélicos com exemplo de ambiente fértil para o surgimento da resistência.

“Resistir”, desde la etimología, remite a las virtudes militares. Una de sus acepciones es la de “mantenerse firme”. De ese modo, por ejemplo, concebían el valor los hoplitas espartanos: el coraje no se encontraba en las acciones individuales, sino en permanecer en la formación de la falange, en la línea que ataba el destino de un ciudadano al de sus compañeros.(p.15)

O autor associa as virtudes militares à resistência, mas vai além ao discutir nos interesses de uma coletividade como forma de oposição à pujança autoritária, as narrativas do autor paraguaio estão carregadas de uma força expressiva, amplificada a partir das oposições entre a violência sanguinária da guerra e a realidade do povo oprimido, a sua literatura não pode ser associada e reduzida a uma literatura de tese, pois consegue enquadrar as singularidades da realidade paraguaia sem perder de vista seu universalismo literário.

Nessa direção, um dos elementos da composição identitária paraguaia ganha força nesse cenário associado a guerra, a língua guaraní, um dos idiomas nacionais, dividindo espaço com a língua espanhola no convívio e na organização social desse país. Funcionando também com um dos principais mecanismos de resistência cultural, pois o seu uso ficou relegado durante muito tempo a grupos subjugados, tratados como inferiores por carregarem o símbolo da cultura autoctona.

Roa Bastos em sua obra utiliza o guaraní com um instrumento básico na composição de sua expressividade literária, suas narrativas aplicarão esse fenômeno linguístico como uma expressão coletiva. Após a guerra a língua guaraní funcionou como uma espécie de símbolo dos ideais coletivos e da valorização dos bens nacionais, mostrando sua força ao intrincar-se com a língua do colonizador e, ao mesmo tempo, debilitar a fronteira entre as duas, dando abertura para o surgimento de uma expressão reveladora dessa dupla tradição cultural.

- A lo mejor, Natí, no es tan malo allá como se cuenta - dijo Casiano, satisfecho, mirando la calle a través de las rejas de la ventana.
- ¡Dios quiera, che Karáí! - murmuró Natí con la cabeza gacha sobre el plato vacío, como si dijera amén. (ROA BASTOS, p.80, 2003)

As narrativas de Bastos estão permeadas por estruturas linguísticas do guaraní, ou seja, as personagens utilizam a sintaxe e o léxico do guaraní com a língua espanhola, uma espécie de visão dual do mundo, a oposição ocorre como uma fusão que nega a inferioridade e coloca as duas na mesma condição.

CONSIDERAÇÕES

As quatro obras mencionadas neste escrito mostram que, apesar da matéria histórica fazer parte do discurso oficial, a literatura certamente pela sua diferença nos objetivos se distancia da historiografia, dessa maneira assume um papel fundamental na elaboração de estratégias de resistência. No momento em que Roa Bastos usa o retorno ao período do descobrimento como uma chave para revisitar esse passado constituído e defendido pelo discurso oficial, levanta-se a possibilidade de questionar a verdade histórica por meio de duas figuras fundamentais para isso, o navegador Colombo e os cronistas. O primeiro colocado no banco dos réus e questionado sobre sua versão fundadora do Novo Mundo, bem como as estratégias utilizadas para criar essa imagem topológica e teratológica. O segundo são os cronistas, ajudam no interrogatório e auxiliam o narrado com algumas informações que estruturarão a nova versão do descobrimento. Cabe destacar que esse recorte temporal está associado a uma (des)legitimação da invenção da América.

Os conflitos que servem como pano de fundo para a trilogia bastiana representam a oportunidade de desconstrução de uma memória empurrada para a sociedade paraguaia, colocada como a verdade irrefutável. O simples voltar a esses acontecimentos por meio do discurso ficcional cria uma zona limítrofe entre o oficial e o verossímil, abrindo espaço para novas interpretações.

Assim, os acontecimentos históricos vividos pela nação paraguaia desde a colonização até a contemporaneidade foram condicionantes para uma postura de resistência contra o invasor, a realidade opressora que surgiu a partir das guerras, a disputa de imposição linguística do espanhol e o cenário político governamental.

Essa matéria histórica reelaborada pela literatura roabastiana se transveste de um tom polemico e questionador nas narrativas do autor paraguaio, reivindicando uma verdade histórica que foi silenciada pelo discurso mitificador de alguns personagens históricos.

REFERÊNCIAS

BAREIRO SAGUIER, Rubén. Augusto Roa Bastos e a narrativa paraguaia atual. *Revista Letras*, [S.l.], v. 25, out. 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19556>>. Acesso em: 25 Out. 2014.

BITTERLI, Urs. *Los “salvajes” y los “civilizados”*: el encuentro de Europa y Ultramar. México: Fondo de Cultura económica (sección obras de história), 1982.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das letras, 2002.

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. México: Siglo veintiuno, 1989.

GONÇALVES, Ângela Aparecida; BONNICI, Thomas. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial. *Acta Scientiarum*. Maringa, V.27, n. 2, 2005.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*: O descobrimento do Novo Mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GRÜTZMACHER, Łukasz. *¿El Descubridor descubierto o inventado?*: Cristóbal Colón como protagonista en la novela histórica hispanoamericana y española de los últimos 25 años del siglo XX. Varsovia: Instituto de Estudios Ibericos e Iberoamericanos, 2009.

LORENZ, Federico. Resistencias. In: SARMENTO-PANTOJA, Augusto; OLIVEIRA, Mara Rita Duarte; NOGUEIRA DE SOUSA, Rosângela do Socorro; CHABABO, Rubén (Org.) *Memória e resistência*: percursos, histórias e identidades. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

MICHEL, Gislaine Aparecida. *Augusto Roa Bastos e Cândido López*: invenção de realidades na guerra grande. 2008. 129f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Letras Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

O’GORMAN, Edmundo. *La invención de América*: investigación acerca de la estructura histórica del nuevo mundo y del sentido de su devenir. México: Fondo Cultura económica, 2006.

QUIROGA, Antonio Moreno. La nueva novela histórica o la desmitificación del héroe nacional. **La casa de asterion**. Barranquilla, Vol.VIII, n. 32, Ene/Mar. 2008. ISSN: 0124-9282. Disponível em: < <http://casadeasterion.homestead.com/v8n32.html>>. Acesso em: 27 Out. 2014.

ROA BASTOS, Augusto. **Hijo del Hombre**. Asunción: editorial el lector, 2003.

_____. **El fical**. Barcelona: Editorial debolsillo, 2008.

_____. **Yo el supremo**. Asunción: editorial el lector, 2003.

_____. **Vigilia del Almirante**. Asunción: servilibro, 2008.

ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: ¿mitos de legitimación de la conquista?. In: PIZARRO, Ana. **América Latina: Literatura e Cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.